

aíñas

Nº11 . 09/2020



ainas

Terzo anno
AINAS N°11 . 09/2020
www.ainasmagazine.com
info@ainasmagazine.com

Direttore Bianca Laura Petretto
Condirettore Giorgio Giorgetti
Responsabile Comunicazione Mariagrazia Marilotti
Grafica Gabriele Congia
Informatica Michelangelo Melis

In copertina l'opera è di Henry Bismuth:
Absaroke, 99x126,5 cm., oil on polyester, 2005-2006

© Ainas 2020

La traduzione, la riproduzione e l'adattamento totale o parziale, effettuati con qualsiasi mezzo, inclusi la fotocopiatura, i microfilm e la memorizzazione elettronica, anche a uso interno o didattico, sono consentiti solo previa autorizzazione dell'editore. Gli abusi saranno perseguiti a termini di legge.

is ainas faint is fainas . gli strumenti fanno le opere

Terzo anno AINAS n°11 © 09/2020, reg. n° 31/01 Tribunale di Cagliari del 19 09 2001, periodico di informazione trimestrale, cartaceo e telematico. Iscrizione n° 372004 al Registro della stampa periodica Regione Sardegna, L.R. 3 luglio 1998, n° 22, ART. 21.

ISSN 2611-5271

Editore e Direttore responsabile Bianca Laura Petretto, Cagliari, Quartu Sant'Elena, viale Marco Polo n. 4



Happy Hour Edizioni



Un ringraziamento speciale a Guido Festa
Progettazione e costruzione di "GLOVE BOXES"
e prototipi per la ricerca farmaceutica e nucleare
www.euralpha.it

Fondazione Oristano

B&B Art
Museo di Arte
contemporanea

www.bbartcontemporanea.it
info@bbartcontemporanea.com

Galleria G

ostiliomobili
H&A
OFFICE
CONTRACT

PORTRAITS

ciccillo e sua trajetória



CICILLO E
YOLANDA PENTEADO
1951

a coleção francisco matarazzo

Francisco Matarazzo Sobrinho Ciccillo (1898-1977) é conhecido como mecenas das artes e fundador da Bienal Internacional de São Paulo. A coleção formada por Ciccillo possui marcas expressivas, assinalando vertentes das principais vanguardas artísticas do século XX.

As iniciativas de Ciccillo, acompanhadas pelas gestões de Yolanda Penteadó (1903-1983), constituem, por um lado, denso acervo direcionado à formação de um patrimônio público e, por outro, contêm o poder de abrirem perspectivas para pesquisas estéticas recentes.

A família Matarazzo, incorporada à história da cidade de São Paulo, iniciou sua trajetória com as ações de Francisco Matarazzo (1854-1937), imigrante italiano vindo ao Brasil em 1881, que fundou uma corporação industrial com atividades diversificadas em negócios de exportação, produtos alimentícios, metalúrgicos, gráficos e muitos outros. Contava com o auxílio de seus familiares e amigos, entre eles seu irmão Andrea Matarazzo (1865-1953), pai de Francisco Matarazzo Sobrinho Ciccillo. A família Matarazzo predominou no setor industrial brasileiro, transferindo sua influência para a política, tanto nacional, quanto internacional. Por serviços prestados na I Guerra Mundial, Francisco Matarazzo recebeu o título de Conde, transmissível a seus descendentes, e Andrea Matarazzo adquiriu o título de Senador – ambos lideraram a família e os negócios por longo período.

Internacionalmente conhecido por sua atuação no campo artístico-cultural, tornou-se colecionador de obras de arte e livros. Estabeleceu, na Europa, contatos voltados especialmente para intercâmbios em entidades culturais, nacionais e estrangeiras. Entre esses contatos, destaca-se o convite de David Rockefeller para que Matarazzo Sobrinho integrasse a Comissão do Conselho Internacional do Museu de Arte Moderna de Nova York. Com grande tenacidade, reuniu em torno de si um grupo de pessoas para a fundação do Museu de Arte Moderna de São Paulo - MAM SP (1947); criou o Teatro Brasileiro de Comédia (1948); constituiu a Companhia Vera Cruz (1949), incentivando a indústria cinematográfica nacional; atuou diversas vezes como Comissário do Brasil na Bienal de Veneza (de 1950 a 1975); fundou a Bienal de São Paulo (1951). Mais tarde, contribuiu para fundação do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (1963).

Em 1946, Ciccillo havia tomado a decisão de formar uma coleção de arte contemporânea de dimensões internacionais. Antes da II Guerra Mundial, as aquisições de obras eram motivadas pelo desejo de apoiar os artistas. Em fins de 1946, realizou viagem à Europa e nessa ocasião conheceu o artista italiano Alberto Magnelli, residente em Paris, a quem se referia como sendo a pessoa que o fizera conhecer a arte contemporânea. Nessa mesma viagem, Matarazzo Sobrinho teve também o apoio de sua mulher, Yolanda Penteadó, na escolha das obras para a coleção que tencionava constituir.

O critério de escolha para a aquisição das obras que compõem a coleção formada por Francisco Matarazzo Sobrinho obedeceu principalmente ao gosto pessoal do colecionador, norteadó pela tradição italiana e pela pesquisa do que havia de mais significativo em termos de arte contemporânea.

As obras de Picasso, Braque, Matisse, Léger, Dufy, Kandinsky, Chagall, Miró, Arp, Picabia, Gleizes, Metzinger, Lhote, Domela, Bazaine, Manessier, Gustavo Singier, entre outros, e do próprio Magnelli, demonstram a busca de trabalhos de qualidade e a escolha de aspectos

significativos das tendências artísticas da primeira metade do século XX. Desse modo, estão presentes na coleção obras representativas do Expressionismo, Cubismo, Futurismo, Pintura Metafísica, Abstracionismo, Dadaísmo e Surrealismo.

Na Itália, acompanharam a organização dessa coleção Margherita Sarfatti e Livio Gaetani – que compraram as obras junto às galerias e aos artistas. Ao marchand Enrico Salvadori se deve a aquisição, em Milão, do Autorretrato de Modigliani, de 1919 (hoje uma das obras mais admiradas do MAC USP e que, segundo alguns depoimentos, foi um presente de aniversário que Ciccillo ofereceu a Yolanda). As obras de numerosos artistas italianos (Campigli, Carrá, De Chirico, Casorati, de Pisis, Funi, Mafai, Sironi, Tozi, Severini, Morandi, Cagli, Rosai, Semeghini, Santomaso, Usellini, Guidi, Capogrossi e outros) foram sendo anexadas a essa coleção gradualmente. De Soffici, há várias pinturas de 1908 a 1914.

Da Coleção também fazem parte artistas da vanguarda que transitam por todo o percurso da modernidade, sendo esses trabalhos representativos do vocabulário e forma futuristas, que representam o dinamismo da vida moderna e, ainda, os movimentos: Metafísico, o “Novecento”, a “Scuola Romana”, o Grupo dos 6 pintores de Turim e o Grupo Corrente. Essas obras assinalam o diálogo com as vanguardas europeias, muitas vezes permeado pela contraposição às suas ideias.

O gosto voltado para a arte italiana foi fundamental para caracterizar uma coleção com tendências mais à figuração do que à abstração, à paisagem, ao métier e à figura humana. A cultura italiana marcou significativamente os anos de 1930, no país, mais especificamente em São Paulo, onde a imigração italiana trouxe, além de figuras humanas que se distinguiram nas áreas da indústria e comércio, artistas que se radicaram em terras brasileiras. A produção de obras das décadas de 1920 a 1940, na coleção Ciccillo, dialoga com os trabalhos artísticos produzidos nessa mesma época na cidade de São Paulo. É o caso de artistas como Alfredo Volpi, Fúlvio Pennacchi, Aldo Bonadei e Mario Zanini, com desdobramentos futuros.

Nos anos seguintes, Matarazzo Sobrinho preocupou-se em acrescentar novas obras internacionais e nacionais. Em 1952, adquiriu de Benedetta Marinetti (viúva do poeta futurista) os gessos originais de Desenvolvimento de uma Garrafa no Espaço (1912) e Formas Únicas da Continuidade no Espaço (1913), de Umberto Boccioni – obras de referência para os desdobramentos dos tridimensionais contemporâneos.

Nesse ponto, é interessante lembrar que, ao reunir tão grande número de obras, sua intenção, desde 1946/1947, era a de criar um museu de arte – aberto à criatividade e ousadia, ideia já anteriormente assinalada por Mário de Andrade e Sérgio Milliet.

Por muitos anos, esses e outros trabalhos adquiridos por Matarazzo Sobrinho seriam conservados em sua coleção particular, embora um bom número permanecesse em depósito no Museu de Arte Moderna e fosse exibido em certas oportunidades pela instituição. As obras adquiridas por Ciccillo, a partir de 1951, tiveram como principal origem os prêmios da Bienal Internacional de São Paulo. O desejo de tornar a coleção efetivamente patrimônio público seria concretizado anos depois, em 1963, com sua destinação final à Universidade de São Paulo.

Em dezembro de 1963, a Reitoria da Universidade de São Paulo, através do Reitor Luiz Antônio de Gama e Silva, atribuiu a Francisco Matarazzo Sobrinho o título de Doutor Honoris Causa, tendo em vista sua atuação em favor do desenvolvimento de arte nacional. Em particular, esse

seria o reconhecimento pela doação de sua coleção particular de artes plásticas à Universidade de São Paulo – algum tempo antes na gestão de Ulhoa Cintra, Ciccillo havia doado obras do acervo do Museu de Arte Moderna. Yolanda Penteadó, que também realizara o mesmo ato, foi agraciada com o Diploma de Benemerência.

As doações de Francisco Matarazzo Sobrinho à Universidade de São Paulo são feitas em etapas. A primeira ocorre em 1962, composta de 429 obras. A segunda, em 1963, feita de comum acordo com Yolanda Penteadó, reúne 19 obras estrangeiras, de propriedade de ambos. Nessas doações constam artistas como Picasso, De Chirico, Miró, Boccioni e Calder, incluindo ainda pintores brasileiros como Tarsila, Di Cavalcanti e Portinari. Na mesma ocasião, há a doação de 1236 obras que compunham a coleção do Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM, além de obras premiadas nas primeiras Bienais de São Paulo.

A doação do acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo foi justificada pelo carácter público atribuído ao mantenedor da instituição, pois Ciccillo temia que esse acervo continuasse nas mãos de “pessoas perecíveis” e desejava passá-lo às mãos de uma entidade “não perecível”. “E nesse propósito obteve a alta compreensão dos sócios do Museu de Arte Moderna: a doação do acervo à Universidade, precedida da doação que pessoalmente lhe fizera de sua coleção particular de 400 obras de arte de alto valor” (ALMEIDA, 1976, p. 144).

Em síntese, deve-se assinalar que as iniciativas de Francisco Matarazzo Sobrinho colocam definitivamente a arte brasileira contemporânea nos circuitos internacionais e possibilitam que a cultura do país se atualize por meio do contato com a produção mundial. Como Presidente do MAM SP e da Fundação Bienal de São Paulo, da qual esteve à frente até 1975, influenciou na dinamização do mercado de arte, na formação de público e no incentivo à produção artística de vanguarda. Investiu recursos, prestígio e capacidade empresarial para conferir à arte e à cultura o carácter institucional, profissional e contemporâneo.

Elza Ajzenberg
Professora Titular da Escola de Comunicações e Artes
da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

Referências Bibliográficas

- AJZENBERG, Elza. *Ciccillo – Acervo MAC USP*. São Paulo: MAC USP, 2006.
ALMEIDA, Fernando Azevedo de. *O Franciscano Ciccillo*, São Paulo: Pioneira, 1976.
AMARAL, Aracy (org.). *Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo: Perfil de um Acervo*. São Paulo: Techint, 1988.
PENTEADO, Yolanda. *Tudo em Cor de Rosa*, São Paulo: Nova Fronteira, 1976.